



## BENDITA SEJA A PALAVRA: A MATERIALIDADE TÁTICA DA LINGUAGEM NO CONTO “A GUERRA DE MARIA RAIMUNDA”

Fernanda Karyne de Oliveira<sup>1</sup>; Bruno Santos Melo<sup>2</sup>; Jailma da Costa Ferreira<sup>3</sup> Ana Lúcia Maria de Souza Neves<sup>4</sup>.

Universidade Estadual da Paraíba<sup>1</sup>  
fernandakoliveira@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba<sup>2</sup>  
bsantosmelo@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba<sup>3</sup>  
Jailma.jdf@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba<sup>4</sup>  
analiteraturasouza@yahoo.com.br

Este artigo é oriundo das leituras e discussões realizadas no projeto de pesquisa - PIBIC, intitulado: "As personagens femininas na contística de Maria Valéria Rezende: da subserviência para o centro da cena" do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. O projeto é orientado pela professora Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Maria de Souza Neves, professora de Literatura do respectivo departamento. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo observar no conto *A Guerra de Maria Raimunda* da escritora Maria Valéria Rezende como a linguagem/discurso influencia na construção identitária da personagem. Para tanto, recorreremos a o estudo de gênero, observando assim a representação da figura feminina no texto literário, por meio de uma análise crítico/interpretativa do conto em questão. Para fundamentar essas discussões recorreram-se as contribuições teóricas de Salih (2015), Bakhtin (1986), Certeau (1994), entre outros. É perceptível que a linguagem/discurso funciona na narrativa como uma tática utilizada pelo feminino para se auto afirmar e se (re)construir indetitariamente, buscando assim respeito no lugar que ocupa. Desta forma, a linguagem funciona como elemento transgressor da realidade fundante em que está inserida.

**Palavras-Chave:** Maria Valéria Rezende. Feminino. Linguagem/discurso.

### INTRODUÇÃO

*O mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, mas que elas vão sempre mudando. (João Guimarães Rosa)*

Paulista de Santos, Maria Valéria Rezende mora há vinte anos em João Pessoa – PB. Freira, militante, educadora popular, lutadora contra as injustiças e desigualdades sociais, conseguiu levar a versatilidade de sua vida para sua obra literária. Com uma obra vasta que passeia por entre contos, romances, poemas, recentemente ganhou os prêmios

mais importantes da literatura nacional falando sobre o que conhece: “os excluídos”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Fala da escritora durante uma entrevista concedida ao Jornal O globo, disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/maria-valeria-rezende-lanca-romance-inspirado-em-sua-atuacao-contra-ditadura-3-18407009>. Acesso em 19 de abril de 2016



Valéria traz para o centro da cena aqueles que sempre estiveram nas zonas periféricas, dá voz a quem historicamente sempre foi sentenciado ao silêncio, torna visível aqueles que foram invisibilizados, faz das ações cotidianas e das pessoas comuns, objetos de reflexão complexos sobre a constituição interior humana. Apresenta-se assim como uma das vozes femininas mais importantes da literatura contemporânea.

Neste artigo, enveredamos pelo estudo da representação da mulher enquanto personagem no texto literário, sem perder de vista, no entanto, o contexto histórico cultural que envolve a produção da obra, quem é a autora, de onde ela escreve e o que caracteriza a sua produção. Para tanto, recorreremos ao estudo de gênero concebido enquanto instrumento teórico que permite uma abordagem das relações sociais.

A obra da escritora, dentre tantas peculiaridades, apresenta o fato de a maioria de suas personagens femininas viver sobre a imposição dos dizeres do patriarcado. São impossibilitadas de ditar e viver sua própria história. Há, portanto, a submissão do feminino mediante ao masculino. Outra marca de sua obra são os deslocamentos sofridos pelas personagens que abalam as estruturas vigentes através de alguns elementos, a exemplo da linguagem/discurso.

Desta forma, escolhemos o conto *A Guerra de Maria Raimunda* que faz parte da primeira coletânea de contos publicada pela autora, intitulada de *Vasto Mundo* (2001), com vista a explicitarmos a linguagem/discurso, entendida como uma tática, no sentido empregado por Michel de Certeau (1994) em sua obra *Invenção do Cotidiano*, observando-a também como elemento constitutivo do sujeito de acordo com Bakhtin (XXXX) e Butler (XXXX), lançando mão também de outros autores que subsidiem teoricamente as reflexões, influenciando assim para a construção identitária da personagem.

## **METODOLOGIA**

A perspectiva metodológica que norteia este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico. Para tanto, recorreremos ao estudo de gênero, enquanto a construção do feminino sob o domínio masculino, mas restritamente ao que diz respeito ao discurso do homem em detrimento à mulher. O trabalho será orientado pela perspectiva de que assim como no ensino, a pesquisa em literatura pressupõe a atividade cotidiana da leitura. (AMORIM, 2011, p.59). Leitura que “envolve etapas sucessivas e simultâneas ao mesmo tempo, quais sejam, as atitudes de analisar, de interpretar e de compreender.” (AMORIM, 2011, p.68).



Portanto, é nossa pretensão estudar a representação da mulher enquanto personagem no texto literário, atentando nosso olhar para a construção da personagem feminina, enquanto sujeito do discurso.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. “Mundo, mundo Vasto Mundo”: o *Vasto mundo* (2001) de Maria Valéria Rezende

*Vasto Mundo* (2001) é o primeiro livro de contos publicados da escritora. Embora seja um livro de contos, percebemos que a obra é marcada pela linearidade. Há um entrelaçamento das histórias, principalmente por compartilharem do mesmo espaço onde acontecem os enredos: Farinhada – nome dado à cidade fictícia-. Das 16 narrativas que compõem a obra, 11 narrativas focalizam personagens femininas quase sempre vivendo em situação de opressão. Os perfis das personagens compreendem: meninas, jovens, mulheres maduras e velhas.

Três aspectos chamam a atenção nas tramas. O primeiro diz respeito à caracterização do espaço nas narrativas voltado para uma ambientação regional: fazenda, povoado, pequenas cidades do interior onde a maioria dos personagens vive do trabalho na agricultura, sendo explorados pelo proprietário da terra, ou em pequenos comércios da pequena localidade (bares, mercearias). Poucos sabem ler e escrever, mas

muitas mulheres “conhecem do ofício”, Isto é, a leitura e a escrita.

O segundo aspecto, diz respeito ao modo como as mulheres são tratadas pelos homens com os quais se relacionam, sejam eles companheiros, pais, irmãos ou tios. De um modo geral, o que se percebe é que as personagens femininas passam por um processo de invisibilidade na relação com o masculino. Por invisibilidade entendemos toda ação que favorece o ocultamento das personagens, que impossibilita que elas se realizem como uma pessoa com responsabilidades e direitos.

O terceiro aspecto é que na ausência da figura masculina dominante, as mulheres apresentam mudanças de comportamento, ainda que momentâneas, na subserviência ao homem, o que chamamos de deslocamentos. Conhecidas por obedecer em silêncio às determinações impostas pelos pais, marido e irmãos, as personagens passam por transformações na personalidade e nas atitudes. Com isso, os papéis próprios de cada gênero se modificam no que não mais parece inscrever o masculino somente no público e ativo que incorpora o macho, e o feminino na exclusiva passividade do privado familiarizado.

### 2. Dando início a conversa: O Conto *A Guerra de Maria Raimunda*



No conto *A guerra de Maria Raimunda* deparamo-nos com uma mulher sisuda, fechada, que aprendeu que as pessoas mais doces e brandas são mais susceptíveis a decepções, e para que não sofresse preferiu se assumir como uma mulher brava e temida por todos, mas na verdade é doce e preocupada com as outras pessoas, embora não permita que este lado fique à mostra:

Aprendeu cedo que quem tem o coração brando leva mais pisas da vida e por isso que é brava que só! (P.81)

Todo mundo tem um pouco de Medo de Maria Raimunda e ela não tem medo de ninguém, só teme a Deus e o perigo de amolecer quando vê menino sem mãe, homem chorando, criança carregando enterro de anjinho, velho sem teto, mulher gestante com variz e fome, essas coisas. Prefere mesmo é ter raiva que dá coragem e força para resolver tudo o que aparece pela frente. (P. 82)

Ela aparenta inicialmente está fechada no seu próprio mundo doméstico, mas que um dado dia diante da injustiça do latifundiário da região, Assis Tenório, que se apossou das terras de um pequeno sitiante, Zuza Minervino, e por isso manda- o prender:

Porque o começo de tudo foi somente que Assis Tenório pegou aí um dinheiro do governo, telefonou de Brasília e mandou Adroaldo comprar mais uns garrotes, careceu de mais pasto e mandou Zuza Minervino e mais uns outros desocupassem a terra do Sítio Velho em oito dias. (P.82-83)

Sabendo da situação de Zuza e vendo a aflição da mulher, Maria, que não entendia porque seu marido, um homem de bem que nunca tinha sido preso, estava passando por

uma situação como esta, a mulher desesperou-se ainda mais, pois além de o marido está preso, desta forma, teria que criar os meninos pequenos sozinha, e ainda por cima, estava grávida de mais uma criança. Resolveu intervir:

Maria Raimunda viu Maria de Zuza chorando, olhou a penca e crianças agarrada nela, chorando todas, o bucho grande já em ponto de parir mais um, afastou a pena que vinha vindo e deixou crescer a raiva. (p.84)

E foi daí que Maria Raimunda que tinha ficado só espiando a confusão, que não tinha nada a ver com isso, segura lá no sítio dela que ninguém podia tomar, entrou na história. (p.84)

A protagonista após se arrumar, saiu pelos sítios chamando as mulheres para rezar. Embora tenham achado estranho começarem a rezar aquela hora, não ousaram discordar de Maria Raimunda, pois tinham medo dela, e por isso a seguiram sem hesitar:

Banhou-se, vestiu-se, agarrou num terço, saiu de casa e foi passando pelos sítios vizinhos chamando as mulheres que estavam na hora de rezar e foram atrás dela, no sol de uma tarde, hora mais estranha para rezar!, porque é difícil resistir à autoridade de Maria Raimunda. (p.85)

Ao chegarem ao canto da praça, local onde ficava a prisão, as mulheres tiraram seus terços e Maria Raimunda começou a puxar um bendito com a voz mais forte que tinha. Todas as mulheres foram se sensibilizando com o ato, isso fez com que a cantoria somasse mais e mais vozes, e assim ficaram durante 7 dias, até que o prisioneiro fosse solto. Muitas foram às tentativas de calarem



sua voz, mas não conseguiram. E desta forma, Maria Raimunda ganhou a guerra de Farinhada:

Quando chegaram ao canto da praça, onde fica o xadrez, já tinha para mais de 30 mulheres atrás dela [...] Ela plantou-se bem em frente a cadeia e um puxou um bendito, com a voz mais forte que tinha [...]

Mandaram calar Maria Raimunda, mas na praça de Farinhada não se podia ouvir ordem nenhuma, só a cantoria das mulheres. [...] Foi assim que a guerra de Maria Raimunda ganhou quando as autoridades não aguentaram mais o tormento da insônia, mandaram soltar Zuza [...] (p. 82, 85 e 86).

Quando saiu da cadeia, Zuza não hesitou e foi logo agradecer a Maria Raimunda pelo que ela tinha feito por ele, e como reconhecimento pelo seu gesto de caridade, resolveu levar um presente para ela, que mantendo sua postura não aceita o presente:

Quando Zuza chegou, puxando a cabra de raça por uma corda, para presentear e agradecer a Maria Raimunda, ouviu: “Deixe de besteira, Seu Zuza, não careço dessa cabra magra, fiz nada por você não, só me deu foi uma vontade danada de cantar” (P. 86)

3. A cantiga é uma arma: A linguagem/Discurso como tática no conto *A Guerra de Maria Raimunda*

No que diz respeito à construção da identidade do sujeito, a personagem Maria Raimunda apresenta-se em construção. Inicialmente apresentava-se para as pessoas como doce e gentil, mas por algum motivo demonstra outro comportamento, mostrando-

se agora como uma mulher sisuda, fechada, ainda que interiormente tenha mantido a docilidade e gentileza. Sobre isto, Salih (*apud* BUTLER 2015, p.23) diz:

O sujeito não é uma entidade preexistente, essencial, e que nossas identidades são construídas significa que as identidades podem ser reconstruídas sob formas que desafiem as estruturas de poder existentes.

Ainda sobre a construção do sujeito, s pressupostos bakhtinianos nos sugerem que a linguagem seria um elemento importante para a construção do sujeito, pois seria por ela que o homem se reconheceria e interagiria na sociedade, percebendo seu papel e compreendendo a realidade estabelecida (BAKHTIN, 1986), justificando a linguagem como elemento primeiro influenciador do desenrolar das ações.

Se levarmos em consideração as relações de representação colocadas por Chartier (1988), entendemos que a imagem presente seria então os grupos que detêm o poder e dominam, no caso, a figura masculina, e o objeto ausente, são os que procuram essa ascensão, estando sempre em relação de concorrência e competição, no caso, a figura feminina.

Dizemos então que a identidade da personagem é performativa, pois é “performativamente construída pelas próprias expressões que supostamente são seus resultados” Salih (*apud* BUTLER, 2015 p.



90). As expressões, entendidas aqui como a mudança de personalidade devido a uma situação vivida, resultaram na nova identidade de Raimunda: sisuda, temida.

Entendemos então que a linguagem/discurso funciona como elemento transgressor da realidade vivida por Maria Raimunda, funcionando como uma espécie de elemento emancipatório, pois na situação todos estavam reféns do poder de Assis Tenório, no caso, a figura masculina.

Como se vê no conto é o “bendito” cantado pela personagem feminina que livra o personagem Zuza da cadeia. O bendito, compreendido nesta análise como linguagem/discurso, haja vista que

o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2002, P.10).

O poder, neste caso, é a instituição social – polícia. A luta então seria a saída do personagem do cárcere a que foi submetido injustamente, prisão esta arquitetada pelo seu patrão - Assis Tenório - latifundiário da região, com o intuito de se apossar do sítio de seu empregado. A palavra oral – elemento importante na construção da narrativa – foi um fator preponderante para que a personagem conseguisse êxito em sua empreitada. Na oralidade, a palavra é corpo: modulada pela voz humana, e, portanto

carregada de marcas corporais, carregadas de valor significante (MENEZES, 1995, P.56). Desta forma, a palavra é inapelavelmente, corpo (Op cit, 1995, p.56).

Ao empostar a voz e cantar um “bendito” em frente à delegacia, o canto religioso foi entendido e empregado de maneira diferente da convencional, e tal ação motivou a soltura do prisioneiro.

Ainda sobre o efeito da linguagem/discurso, vem bem a propósito elucidarmos os conceitos de tática e estratégia empregados por Michel de Certeau (1994), já que também é por meio deles que percebemos as questões imbricadas na representação do feminino nas narrativas. A estratégia seria a instituição reguladora, a entidade conhecida como a autoridade, detentora do poder, na qual existe relação de dominação regras prescritivas de conduta, ou seja, o lugar do próprio.

A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetivos da pesquisa etc.) (CERTEAU, 1994, P. 99).

Nesta posição, estaria o personagem Assis Tenório, amparado pela instituição social reguladora – a polícia -. As táticas se manifestam na ausência de um próprio, são produtos da inteligência cotidiana. São flexíveis e ágeis, está intimamente ligada à astúcia popular. Desta forma, entendemos que



a personagem utilizou a linguagem/discurso (bendito) como tática para resistir as imposições do masculino. Certeau (1994, p. 100) como “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”.

A tática se manifesta por meio da astúcia, pela esperteza de contornar as situações mesmo estando sempre em situação desfavorável. As táticas das personagens Rezendeanas, principalmente a empregada por Maria Raimunda no conto, foi teimosa, astuciosa, e cotidiana (CERTEAU). Fez “do bendito” sua arma, entoou por muitos dias o cântico, pegou um elemento cotidiano e o fez a seu favor. Trabalhou o elemento de forma ativa, esperta, rápida e conseguiu êxito naquilo que se propôs a fazer. Por tudo isto, compreendemos a linguagem/discurso empregada na narrativa como elemento influenciado do desenrolar das ações na trama, influenciadora do trânsito vivido pela personagem, que de sitiante e dona de casa, passou a ser a “heroína da cidade”, atentando então para os interesses coletivos, marca da obra Rezendeana.

## CONCLUSÃO

Valéria metamorfoseia suas personagens femininas que exercem diferentes atividades mobilizando assim diferentes táticas (CERTEAU, 1994), para reagir contra as práticas discursivas que constroem corpos,

domesticando-as, definindo-as como feminino e masculino, categorias estas compostas de atributos e características hierárquicas que primam pela assimetria.

Maria Raimunda fez do “bendito” sua arma, utilizando o canto religioso de forma astuciosa (CERTEAU, 1994), arma dos fracos em relação aos fortes, estes que ocupam sempre o lugar do próprio. O canto então foi instrumento de luta utilizado para mudar a realidade vigente.

A linguagem/discurso, neste caso, o bendito, auxiliou na construção identitária da personagem, abalando as estruturas sociais vigentes, os discursos dominantes, às representações postas, observando a linguagem sempre como o elemento preponderante e influenciador para o desenrolar das ações na narrativa em análise.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, José Edilson de. **Leitura, Análise e interpretação.** In: PINHEIRO, Hélder (Org.) Pesquisa em Literatura. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1986.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: Entre Práticas e Representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer.** São Paulo: Vozes, 1994.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

MENESES, Adélia Bezerra. **Do Poder da Palavra: Ensaios de Literatura e Psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. 1 ed - .; 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. IN: *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Nova York. Routledge, 1990. (Edição de aniversário, 1999).

